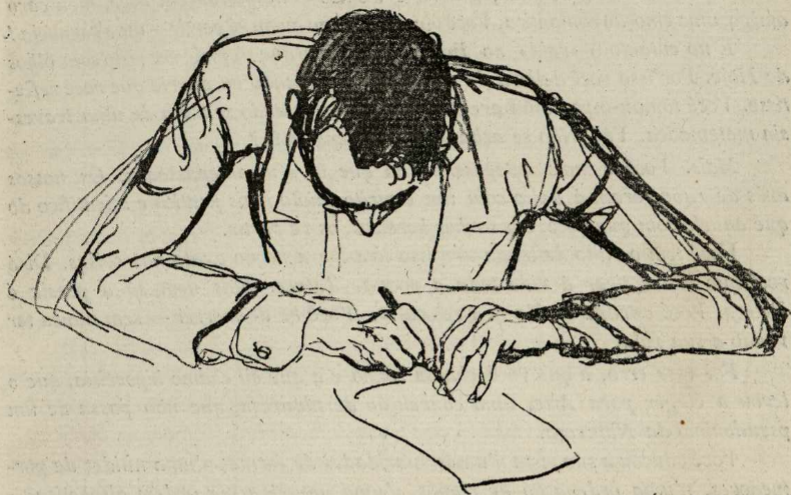


CARTA A UM ESTETA



COUTINHO
CABRAL

croquis de JOSÉ de BRAGANÇA

CRONICA

ENVIO-LHE, meu caro amigo, o primeiro número da «Contemporanea». Não sou administrador da revista, nem, muito menos, o «compère». Mas sou um pobre moço que vivia a vida esteril da geração que o precedeu e que um dia foi despertado para viver a vida da sua própria geração. Ah! meu caro amigo! Não sabe você o trabalho que dá esta coisa simples — viver a própria vida. Todos nós, de ha muitas gerações para cá, vimos para o mundo sem nos desligarmos da vida que nos precedeu. Esquecemo-nos todos, artisticamente — de cortar o cordão umbilical. A minha geração está realizando esse trabalho.

Não são, como você ingenuamente os capitula — futuristas. São apenas — contemporaneos. E com que esforço, n'um país que o não é! E sabe você o que é ser contemporaneo? Você é capaz de se rir. De se supor, perfeitamente e ingenuamente, «contemporaneo». No entanto você — engana-se.

Você é um antepassado, — um antepassado de si próprio. O aeroplano Foirey que vae a caminho do Brazil, de tela e de aluminio, motor «Rolls-Royce», movido a gazolina, guiado por um homem sereno e pratico, de bigode á americana e por um lobo do mar, glabro e ironico — despertou em você, meu caro amigo, uma emoção romantica. Você viu-os ir, como quem vê partir — uma caravela!

E no entanto o «raid» ao Brazil é um acto que só pode ser visto com olhos de Hoje. Por isso você delirou de entusiasmo — quando eu queria que você reflectisse. Você tomou-o por uma aventura heroica — quando se trata de uma travessia matematica. Vê? Não se acha você — antepassado?

Mais. Você é mais antepassado do que os seus antepassados. Os nossos avós de 1400 foram á India com um espirito muito mais pratico e scientifico do que aquele com que você, em sonhos heroicos, os vê partir.

Você tem o culto da lenda — e isso tira-lhe a noção exata das coisas. Dirá você que isto é tirar á vida toda a poesia. Talvez. Mas nem só a poesia é Beleza. Você estraga a vida — a retocal-a. Você ha-de morrer — sem nunca ter vivido a sua vida.

Foi esse erro, a que você chama sonho e a que eu chamo hipocrisia, que o levou a eleger para Arte, uma convenção de natureza, que não passa de um pseudonimô da Natureza.

Você educou a sua vista n'umas suavidades de forma, n'uma nitidez de pormenores, n'uma ordenação de planos, n'uma natureza por ordem alfabetica — que o impede de ver a Natureza tal qual é, ou seja: alguma coisa de tão inedito sempre, de tão extranho, de tão inexplicado, de tão tumultuoso, de tão contraditorio, de tão vivo e de tão grande, que só rival-a — absolve a vida.

Você, que, aliás, tem o culto dos «nús», vê a vida vestida. D'ai a sua incompreensão quando lh'a apresentam despida — despida de convencionalismos, de hipocrisias, de retoques.

A você disseram-lhe um dia que certa côr é «branca». E essa afirmação, — foi a sua desgraça. Porque pode o sol manchal-a de «laranja», pode o ceu tonalisal-a de azul, pode a sombra emprestar-lhe verdes — que você não vê senão branco, porque tem a certeza de que é branco.

Você não é um homem que vê. É um homem que sabe. Você tem certas. E, ai! de quem for contra elas!

Você é um grêgo, — sans «blague». . Você é uma vítima do grande sonho de Beleza Grêga — o sonho de Harmonia, de Eleganciá, de Extase que fez dos Gregos cidadãos honorarios da Eternidade, — e os deixou vencer por Roma. E se eles foram vencidos no seu tempo, — o que quer que lhe aconteça a si, no nosso?

Quando você supõe que faz arte, você faz apenas — anacronismo. Supõe que ressusita a Grecia — e faz apenas a «reprise» da «Phi-Phi».

«A Arte Grega inspira Bondade» leu você em Anatole. Pois a Arte moderna, inspira Alegria. Alegria e Força. Mais beleza, menos beleza? Não. Outra. A Beleza é que mudou. E a Beleza que envelhece, — deixa de o ser...

Mas, meu caro amigo, isto é ver a luta da Arte moderna contra a Arte consagrada pelo seu aspecto mais heroico e mais elevado. Porque afinal nós sabemos muito bem que os seus ideais de plastica grega lhe vieram por intermedio do Sr. Simões, sobrinho. Se Phidias, que fez uma Minerva de marfim e oiro, pudesse ver os seus descendentes a fazerem Venus de chifre e latão, perceberia que não ha Arte, por mais bela e magnifica, que não tenha um flanco de ridiculo.

Depois, meu caro amigo, Phidias, Praxiteles, Zeuxis, não fariam aquela arte de maravilha, se tivessem apenas uma vez na sua vida — andado de «eletrico.» Como quer você «continual-a», você que vem todos os dias das Avenidas novas?

Vê você porque não é «contemporaneo? Você vive em projeção. Você vive a olhar para traz, esquecido de si e do tempo e do espaço que rola á sua volta, do mundo de Beleza nova, movediça, crepitante, estuante e viril, que gira em torno de si. Ou se vê, espera. Espera, como aquele ebrio, que ao ver andar as casas á roda, tirou a chave do bolso para abrir a porta, quando passasse a sua...

Mas, meu caro amigo, o que passou não volta mais. Quer isto dizer que o Passado para Nós não existe? Existe. Mas como um ponto de referencia para sabermos exatamente onde estamos.

Vocês esgotaram a vida. E o que é pior — esgotaram Portugal. Portugal, como vocês, não é «contemporaneo». Nem europeu. Perdeu o seu lugar no tempo e no espaço, por vossa causa.

O que nos resta? Voltar ao principio. Começar de novo. Nós somos os «primitivos» d'uma vida nova que se desenha. Vamos viver de novo Portugal — com outros olhos, outras tintas, outra alma. Vamos rival-o com azas, com motores, com movimento. Vamos dar a volta a Portugal — mas correndo-o no sentido da rotação do mundo...

COUTINHO
CABRAL

AFONSO DE BRAGANÇA

N'este numero, reproduzimos em «hors-texte» :

- 1.º — **PESCADORES**, de João Vaz
 - 2.º — **Auto-retrato** de Almada
 - 3.º — **VARINAS**, de Ernesto do Canto
 - 4.º — **L'ADIEU**, de Diogo de Macedo.
 - 5.º — **CABEÇA CONTEMPORANEA**, de Antonio Soares.
-

No proximo numero: Um excerpto da Conferência
A ARTE DE BEM MORRER
que Antonio Ferro va realizar no Rio de Janeiro.